Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

1. A REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO

BRASÍLIA, 14 DE ABRIL DE 1965.

NO RADIO E TV, PELA PASSAGEM DO 1º ANIVERSÁRIO DE SEU GOVÊRNO.

Ao completar-se o primeiro ano do atual Govêrno, considerei do meu dever dirigir-me aos brasileiros. Não para lhes prestar contas, pois estas, além de as haver dado últimamente reiteradas vêzes, poderia dizer que se encontram nas palavras proferidas perante o Congresso Nacional, ao celebrar-se o aniversário da Revolução de 31 de março. O que desejo transmitir a quantos me ouvem, homens e mulheres, é a segurança de que êste ano não correu em vão para a construção de uma Pátria mais justa e também capaz de propiciar a prosperidade e o bem-estar dos brasileiros.

Em resumo, será uma simples Mensagem de esperança e de confiança no futuro. Por isso mesmo, não me alongarei em falar de um passado tão recente e tão doloroso, mas do qual, desgraçadamente, muitos já parecem esquecidos, e alguns até saudosos das facilidades com que puderam fruir os frutos do desgovêrno.

O único testemunho que pretendo invocar é o da própria Nação, que bem sabe quanto tem sido árdua a tarefa do Govêrno. E, se a temos podido levar a bom têrmo é graças à dedicação e à capacidade de quantos colaboram na obra administrativa, empenhados em dar novos rumos ao Brasil. Realmente, urgia mudar o ambiente da administração, tôda ela a ressentir-se de práticas pouco recomendáveis para a existência de clima propício ao trabalho e à seriedade. Missão que muitos imaginarão fácil, pois se esquecem de quanto são fortes e pertinazes os maus hábitos oriundos da corrupção, que abre caminho para a subversão.

Contudo, graças ao apoio dado aos imediatos colaboradores do Govêrno, que se sentem seguros na realização do que plane-

jaram, estou certo de que vai mudando ràpidamente a fisionomia da administração nacional.

É, aliás, com reconhecimento que, ao transcorrer êste primeiro ano, me volto para os meus imediatos colaboradores, a cujo devotamento e competência, nos respectivos setores, muito deve a Nação. Não lhes tem faltado sequer a coragem de arrostar com tranqüilidade a injustiça das críticas sem medida. Do mesmo modo que ainda uma vez apraz-me ressaltar a valiosa cooperação do Congresso Nacional, que se mostra à altura da compreensão e do sacrifício do povo que representa e ao qual devemos todos profundo agradecimento.

Após um ano de trabalhos ininterruptos, podemos afirmar que a Nação es á livre da agitação com que se buscava intimidar muitos, animar alguns e, principalmente, enganar o povo, fazendo-o crer que estávamos às vésperas de melhores dias, que, na realidade, ficavam cada vez mais distantes. A inquietação foi substituída pela segurança. A calma sucedeu à agitação. E o trabalho tomou o lugar das greves, que, por serem políticas, estavam bem longe dos legítimos interêsses dos trabalhadores. Hoje, com desvanecimento, se não com natural orgulho nacional, podemos constatar a crescente confiança dos brasileiros e dos seus amigos quanto à breve restauração de nossas finanças e de nossa economia.

Naturalmente, os brasileiros têm pago alto preço para poderem repor o País na trilha da prosperidade, que há algum tempo desertara da nossa comunidade. Nem poderíamos acreditar que erros acumulados durante anos a fio fôssem corrigidos em breve tempo, sem a imposição de sacrifícios.

Ninguém faz milagres no govêrno. E nós jamais os prometemos. Mas, o que está na consciência de cada qual é a certeza de que se não malbaratou um centavo, e muito menos se permitiu qualquer desvio desonesto. O bom emprêgo do dinheiro público tem sido constante preocupação do Govêrno. E não menor é o empenho em varrer da administração qualquer possibilidade de enriquecimento ilícito.

E, se dizemos que se não malbaratou qualquer parcela do dinheiro arrecadado pelos cofres públicos, é porque, em lugar de

obras concebidas e iniciadas sem qualquer planejamento, o Brasil começa a ter um autêntico plano de govêrno, cuidadosamente elaborado, discutido e aprovado. Sabemos do que mais precisamos e, também, do que temos condições técnicas e financeiras para realizar, pois sòmente assim lograremos dar ao País, gradativamente, aquilo de que necessita, mas sem tornar a afundá-lo nos pélagos da inflação. O que equivale a dizer que se acabaram na administração nacional as famosas dádivas, origem de tantas fortunas rápidas e inesperadas, fruto de favores e tolerâncias incompatíveis com um mínimo de moralidade na vida pública.

Não admira, portanto, que antigos beneficiários das facilidades com que eram repartidos e distribuídos os recursos do erário nacional apareçam hoje como as cassandras anunciadoras de grandes crises e graves desgraças. Por certo, falarão à vista do bôlso, que já não podem fornir para viagens e festins com que tanto afrontaram o sofrimento e as dificuldades de numerosos lares brasileiros. Acredito, porém, que não conseguirão mais iludir o povo, por mais fraca que seja a sua memória, pois todos sabem que apenas almejam a volta de um estado de coisas que desapareceu definitivamente das nossas vidas.

Disso, aliás, teremos a melhor prova nas eleições a serem realizadas, ainda êste ano, em onze Estados da Federação, para escolha dos seus governadores. Não tememos o voto do povo. Êste é que deve ter mêdo de se enganar, pois, sempre que isso ocorre, cabe-lhe pagar um tributo doloroso e irrecuperável. Feita para assegurar ao Brasil a sobrevivência do regime democrático, a Revolução de 31 de março, fiel aos postulados proclamados desde a primeira hora, e dos quais nunca se afastou, irá realizar um pleito digno de uma democracia. Aliás, também nesse terreno, não surpreendem os estertôres daqueles que, despojados da bandeira que pretendiam desfraldar entre acusações e apelos em favor de eleições, se revelam irritados e perplexos. Agora, êles as têm. Contudo, a julgar pela maneira por que reagem, não parecem muito seguros das preferências do eleitorado.

Nisso têm razão. Depois de um ano em que nos vimos forçados a pedir sacrifícios e compreensão, os brasileiros começam

a perceber algumas réstias azuis no céu sombrio das provações. Por isso mesmo, já confiam na claridade do amanhã, quando sentirão orgulho de haver contribuído para edificar uma nação forte, digna e feliz. Dir-se-á que, após longa e áspera caminhada, começamos a divisar a terra da promissão. O que se verifica pela pertinácia com que o Govêrno, vencendo dificuldades e injustiças, se tem entregue à restauração das finanças e à retomada do desenvolvimento. E hoje já são poucos os que ainda se aferram em negar o acêrto das medidas que as circunstâncias nos impuseram para que a Nação não fôsse dissolvida pela inflação.

Ao desejar a todos os brasileiros uma feliz Páscoa, quero assegurar-lhes que êste ano de govêrno não foi perdido. Pelo contrário, acredito que em tão curto lapso de tempo teria sido impossível fazer-se mais para dar ao País novas perspectivas e possibilidades na caminhada para o seu engrandecimento. Mais do que esperança, os brasileiros podem ter confiança no futuro.